

Viver, escrever, guardar: Um estudo sobre diários pessoais

Profª Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Departamento de História
Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC

Escrever é estar no extremo de si mesmo, e quem está assim se exercendo nessa nudez, a mais nua que há, tem pudor de que os outros vejam ...
(João Cabral de Melo Neto)

Escritos à mão, sobre si e em geral, para si mesmo, em grossos cadernos escolares, ilustrados com recortes e colagens, praticados na intimidade, relatando fatos e situações com riqueza de detalhes, os diários femininos se constituem tanto em *refúgios do eu* como repositórios de lembranças. Forma típica de escritura feminina desde que as mulheres conquistaram o direito à alfabetização, esta escrita atinge, na atualidade, ampla repercussão social, política e cultural já que a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significante: onde a visão do sujeito *comum/ordinário* adquire importância e onde as ações da experiência cotidiana estão sendo cada vez mais valorizadas principalmente na escrita biográfica e autobiográfica.

Nesta chave, o historiador Benito Schmidt ao estudar a prática de escrita de biografias chama atenção para este fenômeno atual de escrita biográfica ao afirmar que *“na historiografia atual, verifica-se um interesse pelos membros das classes subalternas, pelas pessoas comuns, pela gente miúda”*.ⁱⁱ

Valorizar as ações da experiência privada, a partir da junção de fragmentos e do recolhimento de vestígios e indícios tem sido um instigante desafio para o historiador e esta prática criou condições para que o ínfimo, o esquecível, o indiferente detalhe, fosse, enfim, redescoberto, visitado, legitimado como *fonte e acontecimento* na pesquisa histórica. Em recente estudo a historiadora Ângela de Castro Gomes registrou este interesse pela escrita (auto)biográfica escrevendo:

“ Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos anos 10 anos, o país uma espécie de boom de publicações de caráter biográfico e autobiográfico”.ⁱⁱⁱ

Feitos tanto para mostrar quanto para ser guardado em segredo, uma das características do diário é o fato dele acompanhar o andamento do calendário e, muito embora nem todos os dias estejam registrados, as datas da escrita são importantes na sua composição já que seu poder de convencimento depende mais de sua organização interna que de sua referência ao mundo exterior. Igualmente, não sendo obra destinada à publicação é possível, na sua escrita, o gozo de uma liberdade fundamental onde se pode estar emocionalmente nua e formalmente decomposta, como lembra Jean Goulemot:

“A verdade não tem de ser provada, demonstrada, ela não se refere aos atos públicos do sujeito, não pertence ao grupo, aos depoimentos majoritários,, pertence inteiramente a esse olhar individual. Á margem quase secreto, lançado sobre as coisas e o mundo. E é desse privilégio que o autor do diário está consciente quando se põe a redigi-lo”.^{iv}

Confidente fiel, companheiro das horas de intimidade, a escrita de diário se converteu, para determinadas mulheres, em um instrumento eficaz de apropriação da palavra e criação de um discurso, constituindo-se, ao mesmo tempo, em modos de conhecer e de se fazer conhecer; eles são práticas sociais que partilham, também, da construção da história de indivíduos que se inventam pelas práticas de escrita de si, ou seja, partilham da constituição de um regime de sensibilidades. Nesta chave, pode-se considerar que o diário *“é uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas ocupam um grande lugar, uma escritura que rejeita uma organização formal, uma escritura essencialmente do registro do descontínuo, do efêmero”.*^v

São, enfim, os diários uma forma privilegiada de inscrição autoral, reinventada na surdina e cujo acesso, hoje, funciona como uma das fontes para um certo conhecimento das maneiras de viver e pensar de determinada época. Expondo *quinquilharias* e relíquias da memória familiar e grupal de seu tempo, o trabalho com este material torna possível conhecer outros detalhes de acontecimentos sociais e políticos de uma época. Se o diário é ancorado na memória individual, esta é dada a ver pela linguagem, e cabe ao historiador enraíza-la/problematizá-la no rol das experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva da memória coletiva.

Dos diários: Viver, escrever...

Nas últimas décadas, o crescente interesse pelo estudo das formas confessionais plenas de experiências de vida pessoal e familiar ressignificou o trabalho com este material. No Brasil, na França e na Espanha, especialmente, estudos têm se destacado. Os trabalhos de Marina Maluf^{vi}, Maria José Motta Viana^{vii}, por exemplo, analisam em diferentes óticas a relevância de narrativas voltadas “para dentro”, celebrando a relação profunda da memória com as experiências vividas em uma dimensão mais ampla. Na França, com mais tradição nessa área, além dos trabalhos de Philippe Lejeune^{viii}, encontram-se mais recentemente os estudos feitos por Daniel Fabre^{ix}, Roger Chartier^x e Verena von der Heyden-Rynsch^{xi} que colocam em evidência os escritos íntimos. Na Espanha, merecem registros os trabalhos de Manuel Alberca^{xii} e António Viñao^{xiii} que elegem como tema a questão da cultura escrita de cunho privada e pública.

Para este trabalho, foram utilizados dois conjuntos de diários escritos por duas mulheres, residentes em Florianópolis (SC), entre os anos de 1964 a 1974 e doravante identificadas como L. (Lúcia) e M. (Mara). Este material composto de doze (12) cadernos, registra não só fatos do cotidiano – *mil nadas* - dessas jovens entre os 14 e 22 anos de idade, como traz informações muito significativas sobre o momento político como foi vivenciado (e conseqüentemente representado, via escrita) na vida escolar das protagonistas. Estudantes do Curso Normal (Magistério) entre 1967 e 1969, as autoras eram, à época, jovens urbanas, provenientes das camadas médias da população. O registro diário de suas vidas *ordinárias/miúdas* foram preservados em álbuns e cadernos escolares e fazem arte de meu acervo pessoal.

A posse desse material permitiu buscar traços de como foram representadas as vivências de momentos importantes da vida nacional e suas repercussões na cidade pela ótica de duas jovens. Considerando-se 1968 como um ano emblemático pelo quadro de acontecimentos que suscitou tanto internacional (Paris, 1968) como nacionalmente (a edição do AI nº 5 de 13 de dezembro de 1968) e que foi precedido de intensa agitação política estudantil, tanto no Brasil como na França, parece importante mostrar como tais acontecimentos foram vividos na cidade (considerada *pacata*) de Florianópolis (SC) um período emblemático que mereceu muitos estudos e descrito, por exemplo, como:

“Fragmentos de utopias, centelhas de racionalidade, fulgores do desejo criações, demônios e exorcismos foram soltos pelas ruas deste mundo de 1968, investindo gesto em situações públicas e privadas ou reanimando-se às escondidas em clandestinidades de variados matizes. Muita besteira prática e teórica também ocorreu naqueles tempos. Tempos também de sofrimento e de grande entusiasmo.(...) mas, por volta de 1968, idéias e práticas interessadas em transformar alguma coisa foram como que elevadas a altas temperaturas sociais, cintilando umas para as outras num ardente faiscar de tentativas simultâneas”^{xiv}

O desejo, aqui, é evidenciar que a cidade, participou ativamente das manifestações contrárias ao regime militar e que isso também ficou registrado em escritos íntimos de duas adolescentes, escritos considerados *ordinários/miúdos*, em papéis que costumam ser deixados de lado como algo que não consegue nenhum tipo de significado e apenas sobra porque aparentemente não parece guardar importância ou sentido.

A análise desse material, aparentemente negligenciável, segue o princípio de que a escrita é, também, uma invenção e nesta perspectiva o historiador *“também pode utilizar-se da imaginação, desde que esta seja explicitada ao leitor enquanto tal e balizada pelas fontes disponíveis (...) e que nos trabalhos históricos, os momentos de invenção precisam ser sempre sinalizados para o leitor através da utilização de expressões como ‘provavelmente’, ‘talvez’, ‘pode-se presumir, etc’”^{xv}*

Escrever nos seus diários parecia ser, para aquelas duas jovens, uma forma de viver, mas a abordagem aqui feita caminha, também, na possibilidade da invenção acima apontada até porque os sujeitos aqui mostrados são em si mesmos entrecruzamentos de relações às quais estão ligados, quer pelos significados já dados aos fatos citados, quer pelos significados que eles agenciam e narram.^{xvi}

Dos diários em si e de 1968 nos Diários

L. inicia seu diário no dia 14 de agosto de 1964, uma sexta-feira. Tem 15 anos de idade e faz o registro movida por dois acontecimentos: ganhou de uma tia um álbum pequeno, com capa perolizada, ostentando um ramalhete de cravos vermelho, onde se lê na capa *Meu Diário* e parece ter sido movida a escrever diariamente pela leitura de um livro muito comum em bibliotecas destinadas a jovens católicas doa nos 60 do século XX, chamado *O Diário de Ana Maria*, de autoria do padre francês Michel Quoist^{xvii}

M. inicia a redação de suas memórias em 2 de outubro de 1966, um domingo, e também faz referências ao *Diário de Ana Maria*. Seu objeto de registro é simples: um caderno escolar encapado com a foto do cantor Roberto Carlos, ídolo da juventude à época. Por tratar-se de um caderno escolar, a última capa traz uma cópia do *Hino à Bandeira*. Nesse período, em que o país vivia sob o signo da ditadura militar, os cadernos populares traziam hinos cívicos como forma de estimular o patriotismo e o nacionalismo.^{xviii}

O início do ano de 1968 é registrado por M. , aos 16 anos, de forma prosaica, com a narrativa de um dia festivo, há promessas de melhoras e uma listagem das quinze(15) músicas mais tocadas nas rádios da cidade.

“ Segunda-feira, 1º de janeiro de 1968.

Mais um ano se passou. Um ano com todos os seus dias e horas, acontecimentos e vida. Espero com confiança que o novo ano traga paz, saúde e amor. Que o Brasil esteja bem... anda feio! As músicas classificadas foram 15: ‘ O bom rapaz (Vanderlei Cardoso); ‘A praça’ (Ronnie Von); ‘Coração de Papel’(Sérgio Reis); ‘O meu grito’(Agnaldo Timóteo); ‘Bus Stop’(Rolling Stones); ‘A namoradina de um amigo meu’(Roberto Carlos); ‘Disparada’(Jair Rodrigues); ‘Eu te amo mesmo assim’ (Martinha); ‘Maria, carnaval e cinzas’(Roberto Carlos); e ‘Gina’; ‘See you in September’; ‘Coisinha Estúpida’...”

Embora a seleção musical possa merecer outros estudos (afinal a maioria das músicas era nacional!), o que importa aqui é o breve registro de que o país anda feio. Não há, aqui, ainda nenhum indício do que isto poderia significar, mas o prosseguimento das anotações ao longo desse ano de 1968 vai evidenciar outras formas de compreender como as pessoas comuns vivenciam acontecimentos.

L. por sua vez, nesse primeiro dia do ano de 1968, aos 17 anos, conta fragmentos de sua vida cotidiana, onde se pode notar as condutas corriqueiras que não apontam para qualquer sentido mais ‘politizado’, o que leva a interrogação : esta vida cotidiana tão porosa não parece evidenciar que independente de ditaduras, e guerras, vive-se, tem-se desejos e que a aventura do pensamento exige uma multiplicidade de registros? Dos mais banais, aos mais profundos?

“ Segunda-feira, 1º de janeiro de 1968 .

Dia típico de verão: sol maravilhoso. Comunguei na missa das sete. Vi Carmen Lúcia. Ela está noiva. O noivo é um super-pão. Ontem fui dançar ao som de ‘Alegria, Alegria’ de Caetano Veloso... Linda... Gosto da parte: O sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas.. Será?... Bendito dia 1º de janeiro de 1968”.

Considerando-se que a música de Caetano Veloso era uma forma poética de protesto, importa considerar que L. a registra, duvida da afirmação expressa em sua letra e arremata bendizendo o primeiro dia de ano de 1968. A partir desses registros pode-se, para além do anedotário que este material pode provocar, tentar compreender um capital de vivências no quadro de uma memória pessoal que vai sendo construída e contada nos dias simples, mas que articuladas com outros documentos pode, por contigüidade, construir uma narrativa do vivido. Os registros fornecem indícios de como as autoras praticam significações, trazendo as marcas do período em estudo. Assim, parece correto inferir que L. e M. constróem-se cotidianamente em uma rede de relações e escolhas , afirmando seus afetos no contraditório jogo de forças que a vida social lhes impõem.

Em abril de 1968, M. faz um longo registro sobre a situação política e escolar e é aqui que o relato pode se constituir em mais elemento para se conhecer como esta fase foi vivenciada tanto pela autora, como pela cidade. Ela relata:

“Terça-Feira, 2 de abril de 1968

O Instituto de Educação está em greve. Tudo por causa da morte no Rio de Janeiro de um estudante secundarista: Edson de Lima Souto. O rapaz foi assassinado quando protestava contra as más condições da comida do

Restaurante Calabouço e também contra a ditadura do atual governo e o imperialismo americano no Brasil. Hoje a passeata foi aqui, embora com chuva tinha bastante gente. Avistei a Stella, professora de geografia. Onde andarão as outras? Havia poucas professoras. Quando eu for maior de idade e professora Eu vou. Acho legal! Quero ser professora com P maiúsculo”.

Ao salientar a ausência de professoras/mulheres no evento político e contestatório pode-se encontrar subsídios para uma maior compreensão da vida na cidade naquele período. São contribuições à História que se fazem em outros suportes, para além dos tidos como convencionais e permitem perceber uma movimentação no período e mais que o fato privado relatado – a ausência da protagonista na passeata – registra-se aqui o fato público – havia poucas professoras. De igual maneira, a anotação sobre o assassinato do estudante aponta para uma conexão com os acontecimentos nacionais. O texto citado parece bastante esclarecedor de que essas vozes, ainda que tímidas, são promotoras da visão da diferença; elas existem e não podem ser perdidas para a História.

No mesmo período – o conturbado ano de 1968 – o diário de L., assinala seu viés:

*“Segunda-Feita, 16 de setembro de 1968
O Instituto parece que vai ficar em greve. O Grêmio e os alunos unidos pretendem acabar com a média 8,5. A falta de professores e melhores condições de ensino, eis os dois pontos pelos quais lutamos. Hoje perdemos a 4ª aula. Houve comício e passeatas dos alunos em volta do estabelecimento. Voltei e ainda deu tempo para assistir a última aula. Aposto que amanhã, as Gurias que não assistiram aula vão me chamar de CAXIAS, PUDICA. Fazer o que? Não posso perder tempo. Preciso formar-me para trabalhar”.*

Falta de professores e melhores condições de ensino parecem ser reivindicações permanentes na educação brasileira. Passados quase 40 anos das anotações de L. observa-se que o discurso de L. mantém a atualidade... No trecho destacado a protagonista se inclui como participante do movimento grevista ao escrever na primeira pessoa *pontos pelos quais lutamos* mas, igualmente, coloca em evidência suas preocupações com os estudos, com seu futuro trabalho e com a opinião das colegas. Em suas frases pode-se ler, ainda, um certo clima de normalidade – *voltei e assisti á ultima aula* – veiculado em sua escrita. Uma normalidade que, sabe-se, a sociedade brasileira do período estava longe de experimentar. Seu texto indica mais um tempo de preparação para a vida profissional – *preciso formar-me e trabalhar* – do que uma participação mais efetiva nas demandas do período.

Tomar conhecimento, hoje, do teor dessas escritas e desses registros permite pensar nas diferentes formas de viver um tempo e, de considerar que a Ilha onde se localiza a capital dos catarinenses não passou incólume (como uma certa historiografia insiste em mostrar) aos movimentos contestatórios do período e assim, diários pessoais podem fornecer e iluminar práticas e um capital de vivências para a história política desta fase da História do Brasil.

Documentos dessa espécie apontam para outras estratégias de visibilidade da época e permitem observar que enquanto os arquivos públicos calavam, os privados agora publicizados podem fornecer informações e indícios sobre o cotidiano, formas de ver o mundo através de fatos comuns da experiência humana, hábitos, costumes. Contêm, sim, coisas menores mas com grande poder de lembrança.

Ao guardar os cadernos, M. e L. arquivaram *mil nada*s sobre a vida da cidade mas também arquivaram a si próprias. Em um texto lapidar Philippe Artières chama a atenção para o fato de que o arquivamento doeu é feito em função de um futuro leitor e arremata:

“ uma prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte ”^{xix}

Guardar é, assim, um *dispositivo de resistência*, que favorece uma prática do indivíduo tomar distância de si, testemunhar e nos legar seus registros...

Finalmente, é forçoso reconhecer que enredada nessas malhas discursivas versões da história da cidade e do momento político foram construídas a partir de caminhos e descaminhos da investigação empírica. Tanto a escrita das memórias com a sua leitura e análise posterior trazem consigo a possibilidade de ficcionalizá-las. Dar-lhes um sentido, tirá-las da nulidade, tornar presente um certo vivido sempre contém uma criação, uma invenção. Trabalhando com memórias o historiador também se inventa como sujeito de linguagem e, talvez, por este motivo, nossos olhos de estudiosos precisam acompanhar a sutileza de seus semitons.

ⁱ Sobre este tema já organizei um livro : Refúgios do Eu. Educação, História e Escrita Autobiográfica./Ana Chrystina Venâncio Mignot, Maria Helena Câmara Bastos e Maria Teresa Santos Cunha. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. “Diários íntimos de professoras: letras que duram”. p.159-180.

ⁱⁱ Schmidt, B.B. (org). *O biográfico: Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 53.

ⁱⁱⁱ GOMES, A. C. (org) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.7.

^{iv} GOULEMOT, J.M. “As práticas literárias ou a publicidade do privado. IN: **História da vida privada 3: da renascença ao século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p.392.

^v Didier, Beatrice. Citado por CRETTON, M.da G. *Limites/Anais da ABRALIC*, 1992. v..II. p.229.

^{vi} MALUF, M. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995

^{vii} VIANA, M.J.M. *Do sótão à vitrine: memória de mulheres*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

^{viii} LEJEUNE, P. *Le moi de demoiselles. Enquête sur le journal de jeune fille*. Paris: Seuil, 1993.

^{ix} FABRE, D. *Par écrit. Ethnologie des écritures quotidiennes*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1997.

^x CHARTIER, R. (Org). *La correspondance. Les usages de la lettre au XIX^a siècle*. Paris: Fayard, 1991.

^{xi} HEYDEN-RYNSCH, V. von der. *Écrire la vie. Trois siècles de journaux intimes féminins* Paris: Gallimard, 1998.

^{xii} ALBERCA, M. *La escritura invisible. Testimonios sobre el diario íntimo*. Madrid: Sendoa Editorial, 2000.

^{xiii} VIÑAO, A. “ Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. TEIAS: Revista da Faculdade de Educação/UERJ. - n.1 (junho 2000). P. 87-97.

^{xiv} ORLANDI, L. Como pensar 68? IN: Folhetim/Folha de São Paulo/ n°57/6 de maio de 1988.

^{xv} SCHMIDT, B. op. cit, p. 67.j

^{xvi} É importante esclarecer que as duas jovens não se conheciam, à época da escrita dos diários. Atualmente são professoras e mantêm vínculos de amizade.

^{xvii} Publicado no Brasil em 1963, pela Editora e Livraria Agir (RJ), recebeu aprovação da Igreja Católica . Era um livro de formação.

^{xviii} A análise dos suportes materiais dos diários mereceria uma incursão mais detalhada como um dispositivo que se liga às práticas de escrita e de leitura. Ver: CHARTIER, R. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1989.

^{xix} ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998. p.32.